

CAD IV

300

ACÇÃO SOCIAL

Urge criar aqueles organismos patronais que não-de fazer compreender aos patrões os seus deveres cristãos

Pensa-se ordinariamente, que a acção social na Acção Católica é missão exclusiva dos Organismos operários. E não faltam elementos não operários que, desejando fazer acção social, anseiam por colaborar com os trabalhadores, oferecem-lhes os seus serviços e até se propõem para seus dirigentes e mentores. É boa a intenção, mas errada a visão.

A intenção é descer ao meio social, que pretendem apostolizar, exercer aí a fraternidade, fazendo compreender que não há luta de classes na Acção Católica. E ainda ajudar a trazer para a Fé uns tantos operários, julgando que assim se trabalhará pela paz social.

Mas é preciso compreender que, se a doutrina da luta de classe começou pelos de baixo, a prática começou pelos de cima. Di-lo, bem claro, toda a economia da *Quadragesimo Anno*.

Por outras palavras mais claras ain-

da: Os de cima começaram a ofensiva pela exploração dos de baixo. Os de baixo tomaram as armas para se defender dos de cima e aniquilá-los, se possível fosse, como se faz a um agressor injusto. É esta a dolorosa realidade e é assim que a vêem, em todas as suas dramáticas consequências, as classes trabalhadoras.

Para suprimir o conflito, o único e eficaz caminho será cessarem os de cima a ofensiva e proporem a paz. Só se poderão condenar os de baixo, se a não aceitarem.

Posto o problema neste pé, que é o verdadeiro historicamente, concluímos que a acção social deve dirigir-se, com mais intensidade e energia, às classes dirigentes. O contrário será perder o tempo, porque os operários não aceitariam a nossa actuação junto deles. A experiência ensina-o, com superabundância, neste meio século de actividade social católica no mundo

cristão, onde apenas se viram florescer as Organizações operárias católicas, que tomaram abertamente a ofensiva das reivindicações operárias contra os abusos das classes dirigentes. Todas as outras ou morreram ou vegetam.

Os operários virão facilmente — porque eles preferem a paz social que aliás só redundá em seu benefício — quando virem que a nossa acção social é feita junto daqueles que os estão a tratar injustamente e não reconhecem neles, praticamente, a sua dignidade cristã de Filhos de Deus.

Compreendendo a verdadeira posição do problema, Pio XI indicou na *Quadragesimo Anno*, o caminho a seguir: «os primeiros e imediatos apóstolos dos operários devem ser operários; os apóstolos dos industriais e comerciantes devem sair dentre eles».

São, portanto, todos os organismos da Acção Católica que são chamados a fazer acção social e, sobretudo, os organismos destinados às classes dirigentes. Mas entenda-se que a acção social destes organismos deve ser feita no *próprio meio*. Porque temos andado às avessas é que nos vemos forçados, para não perder de todo o cré-

dito nem a simpatia, a pregar a cada uma das classes os deveres da outra. Erro grave que, longe de aproximar a distância que as separa, a afasta mais ainda. O caminho é pregar os deveres a cada uma. Mas este caminho só dará resultado, se a actuação junto de uma e de outra for simultâneo.

Urge, por isso, criar aqueles organismos patronais que hão-de fazer compreender aos patrões os seus deveres cristãos.

Uma outra questão prévia importa pôr ainda.

A melhor acção social, a mais perfeita, é a Caridade. Mas a caridade é o complemento e a perfeição da Justiça.

Não pode falar-se em caridade onde não haja Justiça, porque aquela só pode assentar os seus alicerces sobre a cúpula desta.

Para poder a Acção Católica realizar a Caridade — a sua missão principal — tem de esforçar-se primeiro por realizar a Justiça. É aos problemas da Justiça social que primeiro deve atender.

Artigo de A. Varzim em o LUTADOR CRISTÃO, Nov. 1950 - N.º 22.